

EDITORIAL

Em *História das coisas banais*, obra publicada pela Editora Rocco em 2000, Daniel Roche destaca que o conceito de cultura material raramente foi definido. Apesar de amplamente utilizada por arqueólogos e antropólogos, essa noção permite aos historiadores relacionar um conjunto de fatos percebidos à margem do contexto social, político, econômico, religioso. Desse modo, os objetos, as relações físicas ou humanas criadas não podem reduzir-se a uma simples materialidade, nem a meros instrumentos de comunicação ou distinção. Traduz, entre outros aspectos, a evolução da cultura, da sensibilidade, das técnicas, das mudanças de consumo. Realmente, na história, a vida material estabelece “os limites do possível e do impossível”, como desejava Fernand Braudel. Na sua acepção, a vida material é como um andar térreo de uma construção cujo patamar superior é construído pelo econômico. No andar térreo predominam as manifestações da vida cotidiana. Braudel, como principal representante da segunda geração dos *Annales*, empregou o conceito de cultura material abarcando os aspectos mais imediatos da sobrevivência humana: a comida, o vestuário e a moradia.

Os cinco artigos que compõem o dossiê História e Cultura Material oferecem ao leitor uma variada visão de estudos que convergem ao tema. Os autores são professores/pesquisadores da própria Universidade Federal de Goiás (UFG) e de outras instituições de ensino e pesquisa. A professora Sônia Maria de Magalhães (PRODOC/UFG), organizadora do dossiê, apresenta em seu artigo o potencial informativo contido nos mapas de dietas do Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara da cidade de Goiás, acervo inexplorado, como importante subsídio para a história da alimentação no Brasil. José Evaldo de Mello Doin e Rodrigo Pazziani (Unesp-Franca) analisam a trajetória do capitalismo em uma perspectiva social e histórica que desconfia dos modelos clássicos existentes – nesse caso, de matriz weberiana –, demonstrando sua inaplicabilidade à realidade brasileira. O

artigo de Cleber Cristiano Prodanov, Claudia Schemes e Alessandro Kerber (FEEVALE) examina a formação da identidade da cidade de Novo Hamburgo (RS), por meio da definição de seu patrimônio material, peculiarmente com elementos ligados ao seu acervo fotográfico. Na concepção dos autores, a cidade de Novo Hamburgo teria forjado sua identidade em oposição à imagem de São Leopoldo, identificada como a tradição, reforçando os símbolos que desejava conferir àquela urbe, tais como o progresso, a indústria e o pioneirismo. Dois autores oriundos da Unicamp contemplam em seus estudos o mundo romano. Renata Senna Garraffoni, por intermédio do relato de Tácito e dos grafites parietais escritos por populares, interpreta as desavenças em espetáculos públicos da cidade de Pompéia. Cláudio Carlan investiga as questões políticas relativas a essa sociedade no governo de Constantino I, privilegiando como fonte iconográfica a coleção numismática do acervo do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro.

Complementam este número os artigos de José D'Assunção Barros (Universidade Severino Sombra), José Luiz de Andrade Franco e José Augusto Drummond (ambos da UnB), Renata Cerqueira Barbosa (UEL) e Sergio Alberto Feldman (UFES). E por fim as resenhas de Rafael da Costa Campos, Luana Neres de Sousa e Mariana de Simone Kaadi, mestrandos da UFG.

A *História Revista* que o leitor tem em mãos reúne artigos que permitem não só uma visão mais abrangente sobre as tendências historiográficas atuais, como também sugere novos temas de pesquisa. Boa leitura a todos!

Ana Teresa Marques Gonçalves
Maria da Conceição Silva
João Alberto da Costa Pinto